

ESTUDO DEMOGRÁFICO DA RAÇA CAMPOLINA

A. M. Procópio, J.A.G. Bergmann, M.D. Costa

Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da UFMG
Caixa Postal 567
30123-970 - Belo Horizonte, MG.

INTRODUÇÃO

A raça nacional de equinos Campolina iniciou sua formação no final do século XIX, na cidade de Entre Rios de Minas – MG. Posteriormente, desenvolveram-se novos núcleos de criação da raça, destacando-se o da cidade de Passa Tempo – MG, e também das cidades mineiras de Barbacena, Oliveira e Jequitinhonha, além dos estados da Bahia e Pernambuco (Fontes, 1957). Hoje, a raça possui representantes em quase todas as Unidades de Federação do País. O presente estudo, teve como objetivo fazer um levantamento da distribuição desses animais em suas diversas categorias.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram utilizados dados de 71.991 animais constante dos arquivos do registro genealógico da Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Campolina (ABCCC), obtidos desde a sua fundação no ano de 1951 até janeiro de 2000. Utilizando-se procedimentos incluídos no pacote estatístico SAS (SAS, 1990) foram realizadas análises de distribuição de frequência, medidas de tendência central e de dispersão, determinando-se a distribuição dos animais por categoria, estado, sexo, ano de nascimento, pais, mães, pelagens, criadores e proprietários

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se na distribuição dos animais por categoria de registro, que os machos registrados em definitivo no livro aberto representaram 0,4% da população. Nas fêmeas, o número para o livro aberto foi de 16.138 animais (22,4%). Esses animais, embora não possuíssem pais conhecidos, foram avaliados e considerados dentro do padrão fenotípico mínimo exigido. Nos animais do livro definitivo fechado, foram observados 3.336 (4,6%) e 11.996 (16,6%) machos e fêmeas, respectivamente. Observou-se, que mais de 50 % dos animais encontravam-se no livro provisório, sendo 21.627 (30%) machos e 18.605 (25,8%) fêmeas.

A média anual de nascimentos na raça Campolina ao longo de 62 anos analisados foi de 1.160. Os nascimentos anuais só romperam a casa dos 100 por ano em 1959 e dos 1.000 em 1977. Na década de oitenta, houve crescimento constante, vindo a raça a alcançar número máximo de 5.107 nascimentos em 1991. A partir daí, iniciou-se certo declínio no número de nascimentos, principalmente após o ano de 1995, quando ocorreram 3.092 nascimentos, contra apenas 1.221 no ano de 1996.

A raça Campolina está representada em 22 estados do Brasil, com maior concentração na região Sudeste. Minas Gerais, com 41.493 animais (62,4%), foi seguido pelo Rio de Janeiro, com 12.822 (19,3%); Bahia, com 4.935 (7,4%) e São Paulo, com 2.575 (3,9%) animais. As populações destes estados, quando somadas, corresponderam a 93% de todo o efetivo. Outro núcleo de tradição na criação, é o estado de Goiás, que somado ao do Distrito Federal totalizaram 1.529 (2,3%) animais; além de Pernambuco que possuía 1.136 animais (1,7%).

Pela distribuição de animais por criador e por proprietário, observou-se que mais de 50% deles possuíam de 1 a 5 animais. A média de animais por criador foi de 21,42, e por proprietário de 14,85. Esses números são superiores aos encontrados na raça Brasileiro de Hipismo, que foram 16,0 e 5,8 animais, respectivamente (Dias, 1999), e próximos da raça Brasileira, média de 19,98 animais por haras (Bergmann et al., 1997).

Do total de 3.655 machos registrados em definitivo, 2.418 (66,16%) produziram filhos. Entre 28.104 éguas registradas em definitivo, 17.680 (62,91%) tornaram-se mães. Em média, os garanhões tiveram 22,24 filhos e as éguas 3,05. Os números médios de filhos nas raças Brasileiro de Hipismo e Brasileira foram, respectivamente, para pais, 15,2 e 10,1 (Dias, 1999; Bergmann et al., 1997). Observou-se também que 53,3% das éguas possuíam menos de dois filhos. Entre os garanhões, 51,7% possuíam menos de 10 filhos, próximo aos índices do Brasileiro de Hipismo, 54, 5% e bem inferior ao da Brasileira, em que 50% dos garanhões, possuíam menos de 6 filhos (Dias, 1999; Bergmann et al., 1997).

Na distribuição de pelagens observou-se que 48,67% dos animais eram baios. A esta seguiu-se a pelagem alazã (31,32%) e a castanha (12,19%). Outras pelagens mais encontradas foram Lobuna, Pampa, Preta, Tordilha e Rosilha. Esses dados se assemelham aos encontrados na raça por Fontes (1957).

CONCLUSÕES

A raça Campolina embora esteja presente em 22 unidades da federação está concentrada em poucas unidades e, sobretudo, no Sudeste do país. O declínio no número de nascimentos após 1991 parece estar ligado à crise da equideocultura nacional, agravada pela crise econômica do país. Os garanhões e éguas possuíam em média, progênes reduzidas. A maioria dos criadores e proprietários possuem poucos animais. A pelagem baia é predominante na raça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGMANN, J. A.G., COSTA, M. D., MOURÃO, G. B., NETO, M. H. Formação e Estrutura Genética da Raça Pônei Brasileira. *Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.*, v. 49, n. 2, p. 251-259, 1997.
- DIAS, I.M.G. *Formação E Estrutura Populacional Em Eqüinos Da Raça Brasileiro De Hipismo*. Belo Horizonte: Esc. De Veterinária da UFMG, 1999, 40p (Dissertação de Mestrado).
- FONTES, L. R. *Origem e Características do Cavalo Campolina*. Belo Horizonte: Esc. Sup. de Vet. da UREMG, 1957. 60p. (Tese para Concurso).